

Considerações Finais

Durante a pesquisa que envolveu a escritura desta tese não faltaram ponderações e cuidados acerca dos temas que envolveram a confirmação assertiva central do estudo, a saber: Eça de Queirós: intelectual. Todavia, pode-se afirmar que foram perseguidas algumas das questões norteadoras desse processo, a fim de que pudéssemos garantir o mínimo de segurança ao sucesso da empreitada.

Em primeiro lugar, é lícito afirmar que o papel de intelectual que Eça buscou assumir, consistiu na procura do caminho “do meio”, ou seja, a partir de sua atividade literária procurou ele equilibrar a idéia de um intelectual universal, atuando a partir de um princípio que possuía uma *epistème* idealista, conceito pensado e explicitado de maneira muito esclarecedora por Michel Foucault e exercido, segundo o pensador, pelo grande jurista, pelo escritor, pelo homem das idéias. Esse tipo de intelectual assume uma postura que se encontram acima do bem e do mal, e se aproxima da idéia de Julien Benda acerca do “intelectual da torre de marfim”.

Mas também, por outro lado, não se afastou Eça de uma atividade prática no exercício de sua intelectualidade, encontrando no seu próprio ofício, o ofício de escritor, o instrumento de intervenção que tanto lhe era necessário na formulação e execução de seu projeto regenerador. Neste sentido, é ele o intelectual específico do qual Foucault também nos fala, uma vez que, por intermédio de sua atividade no campo da literatura, ou seja, no seu próprio campo de ação, transforma em razão prática, o que era, até então, somente razão pura.

Essa atividade de Eça em busca da realização de seu projeto encontra na estética realista o grande instrumento decodificador de seu pensamento. É produzindo uma escritura, que através da ironia promove a exposição das

mazelas presentes na sociedade portuguesa finissecular, que Eça elabora seu projeto de “regeneração”. Contudo, percebe-se que o escritor amadurece gradativamente esse projeto, passando de um menos elaborado apontamento positivista, determinista, fisiologicamente naturalista dos caracteres “doentes” que habitam Portugal, sobretudo Lisboa, personificada em sua galeria de “tipos”, àquilo que denominamos aqui “amadurecimento” literário, o qual atinge seu ápice com a publicação de *Os Maias*.

Não obstante, nota-se que a referida maturidade está associada a uma mudança de postura no uso dos próprios mecanismos que eram afeitos a Eça. A ironia ácida, direta, fundamentalmente humorística, vai se transformando em uma ironia fina, ambígua, mais direcionada ao trágico que ao cômico, pois, à medida que Eça vai “pintando” em seus romances personagens de maior vulto moral e maior riqueza cultural e intelectual, transferindo o espaço de ambientação da baixa burguesia e baixo clero, para alta burguesia e aristocracia, assistimos à metamorfose de seu projeto. Todavia, esse projeto de “regeneração” continua presente, mas conta com outra estratégica discursiva, onde as cores da tela se misturam de maneira caleidoscópica, formando em *Os Maias*, segundo o próprio autor “um afresco” de proporções imensas; uma “vasta *machine*” de dimensões polifônicas.

Eça de Queirós nos aponta um caminho de desistência que é ao mesmo tempo e hora salvação e danação. O seu afastamento geográfico de Portugal, como cônsul, resultou-lhe certa possibilidade de isenção, onde havia entendimento suficiente para falar dos problemas portugueses, porém conferindo ao seu discurso um dimensionamento outro. Essa consciência paradoxal da realidade, onde a existência humana toma contornos propriamente dramáticos, faz com que Eça de Queirós atue no seu ofício, contudo, distanciando-se da parcialidade que talvez seja a responsável pela “cegueira” que acomete o português às vésperas do decadentismo. Eça é uma espécie de *flaneur*, um espectador dessa vida moderna que brota das galerias

parisienses, de onde, no fim da vida, olha Portugal, e assim, como Carlos Eduardo e João da Ega, nas últimas páginas d'*Os Maias*, assiste a um repleto quadro da história de seu país, quer seja ele representado pelo romântico Tomás Alencar ou pelo austero Afonso da Maia, quer seja pela estátua de Camões ou as Igrejas seculares.

Eça de Queiroz funda o romance moderno português pelos mesmos “olhos realistas” que Carlos Eduardo e João da Ega chegam à conclusão de que tudo o que têm sido eles durante a vida se resume no adjetivo “românticos”. O escritor vê com desencanto o Portugal espelhado pelos seus símbolos, mas ainda procura, através de sua obra, resgatar a última possibilidade de “pegar”, quem sabe, o “último elétrico”.